

Brasília perde mais uma galeria de arte

DF - arte

08 JAN 1995

CORREIO BRAZILIENSE

NATAL EUSTÁQUIO

Se o mercado de arte no DF já não era dos mais dinâmicos, agora ficou ainda mais restrito. Depois da Oscar Seráfico e da Espaço Capital, outra galeria fecha as portas em Brasília. No último sábado de dezembro, a Performance Galeria de Arte encerrou as atividades depois de dez anos no mercado brasiliense.

A galeria vai transformar-se em um escritório de assessoria e promoções culturais no setor de artes plásticas. Segundo o senador Pedro Teixeira, proprietário da Performance, a transformação acontece pela dificuldade de conciliação de sua atividade política com a arte.

Suplente de Maurício Correa no Senado, Teixeira assumiu a vaga definitivamente com a ida do senador para o Supremo Tribunal Federal. "Hoje não me sobra tempo mais. Por isso a transformação em um escritório onde vamos atender decoradores, leiloeiros e órgãos públicos e privados", esclarece.

Os artistas plásticos de Brasília receberam com lamento a notícia do fechamento da Performance. "A gente vai perdendo com isso, numa cidade onde há pouco espaço para as artes. Era uma das galerias com que trabalhava", diz Galeno, escolhido pelo júri oficial do II Prêmio Luis Estevão de Cultura para receber o prêmio de Pintura. Artista da Visual Galeria, sua última exposição na Performance aconteceu em 1991.

Lacuna — "É uma pena", declarou Glênio Lima. Segundo ele, ainda mais por se tratar de uma galeria que dava es-

paço não apenas aos medalhões das artes plásticas brasileiras, mas também a jovens artistas brasilienses. "Fica um branco na cidade", percebe Lima, que nunca expôs na Performance Galeria.

Glênio disse esperar que esse "branco" seja preenchido logo. De preferência com uma galeria "voltada para a promoção das artes contemporâneas. Desde o fechamento da Espaço Capital, ficamos sem um espaço no circuito das galerias da cidade", revela Lima, ganhador do Prêmio Luis Estevão de Cultura, na categoria Escultura, pelo júri popular.

"O fechamento de um espaço cultural sempre traz prejuízos aos artistas e também à cidade. Por isso, vejo com muita tristeza esta situação", comenta M. Kalil. Para ela, o que precisa acontecer em Brasília é justamente o contrário. "Necessitamos de mais espaços culturais, onde seja assegurado também o acesso dos artistas locais", dispara.

Aberta na SCLS 116, onde desde dezembro de 1984 ocupou a loja 07 do Bloco A, a Performance Galeria ganhou notoriedade em Brasília apresentando trabalhos de nomes consagrados da pintura brasileira e também candanga. Pelos seus salões passaram obras de Burle Marx, João Câmara, Oscar Niemeyer, Antônio Poteiro e Siron Franco.

Qualidade — "Trabalhamos com

nomes consagrados, quer os mais antigos pelo tempo ou os mais jovens pelo trabalho desenvolvido", comenta Teixeira, para em seguida esclarecer que a Performance se pautava pela qualidade das obras apresentadas. "Acompanhávamos os salões nacionais, as revistas especializadas, buscando informações sobre os artistas".

A integração das artes plásticas nacionais, segundo Teixeira, foi um dos objetivos perseguidos pela Performance. "Sempre procuramos trazer para a capital dos brasileiros os trabalhos mais expressivos da arte nacional. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul", garante o senador.

Com uma área de aproximadamente 300 metros quadrados, a Performance também abrigou obras de temática variada, segundo Teixeira. "Apresentamos desde trabalhos de vanguarda até as pinturas mais acadêmicas", diz. O acervo da galeria, composto por cerca de 1.200 obras, será preservado.

Embora o motivo maior para o fechamento da galeria tenha sido a dificuldade de conciliar as duas atividades, o senador Pedro Teixeira confessa ainda que a decisão também foi estimulada por uma certa dose de decepção com o mercado de arte candango. Até mesmo com o público brasiliense.

"No plano cultural, existe uma certa frustração. A gente investe tanto e quando estamos com uma exposição, a visitação é mínima. Nos Estados Unidos, por exemplo, as visitas às galerias acontecem como passeios familiares", diz ele, que ainda não sabe onde vai instalar o escritório de assessoria artística.

Palidez — Teixeira reforça seu ponto, de vista apontando um debate que promoveu recentemente com o artista Inimá de Paula na Fundação Cultural do DF. "Na hora, havia apenas seis pessoas, incluindo o garçom. A formação cultural aqui é muito pálida, não tem a força cromática que se deseja", opina.

Outro fator de desapontamento, segundo o senador, foi o fato de os artistas verem as galerias como "rivals". "A concorrência dos órgãos públicos também é desleal, na medida em que oferecem espaços gratuitos, uma vez que não têm encargos operacionais, como aluguel, luz, etc.", aponta ele.

Nesse sentido, o senador diz que Brasília tem sido "madrasta" das galerias de arte da cidade. "O Oscar Seráfico e o Cláudio Telles (Espaço Capital) não conseguiram permanecer no mercado também. Ainda há a concorrência das embaixadas", lembra Teixeira.

O senador não poupa nem mesmo a imprensa local, que na sua opinião nem sempre abriu espaço para a divulgação das grandes exposições promovidas pela Performance. "Às vezes, era preciso enviarmos releases esclarecendo quem era o artista e qual a sua importância. E ficávamos ao sabor da sensibilidade dos editores", destaca.

"O fechamento de um espaço cultural sempre traz prejuízos aos artistas e também à cidade", diz M. Kalil